

NIILISMO POLÍTICO E GALHOFA EM *ESAÚ E JACÓ*, DE MACHADO DE ASSIS

VITOR CEI SANTOS
Universidade Federal de Rondônia

Resumo

O objetivo geral deste artigo é argumentar que o niilismo político é um leitmotiv do romance *Esau e Jacó*, aparecendo como perspectiva a ser galhofada. A principal reivindicação do presente estudo é que Machado de Assis teve uma aguda consciência do caráter complexo e multifacetado da presença do niilismo em seu tempo.

Palavras-chave

Machado de Assis, niilismo, monarquia, república, política, galhofa.

Abstract

The main purpose of this paper is to argue that nihilism is a leitmotif of Esau and Jacob, presented as a perspective to be mocked. The fundamental claim is that Machado de Assis had an acute awareness of the complex and multifaceted nature of the presence of nihilism in his time.

Keywords

Machado de Assis, nihilism, monarchy, republic, mockery.

Advertência

A despeito de Machado de Assis ser o primeiro autor brasileiro a abordar o problema do niilismo político de forma consistente, o assunto recebeu pouca e superficial atenção da crítica, permanecendo um terreno ainda não suficientemente explorado. Verdade que, esporadicamente, diversos intérpretes ocuparam-se da questão, mas apenas como um interesse subsidiário.¹ Os próprios conceitos de “niilismo” ou de obras literárias “niilistas” aparecem *en passant* nas obras de diversos críticos machadianos², algumas vezes veiculados através de imprecisões conceituais, como se estivessem dados *a priori* e não necessitassem de maiores explicações. Desse modo, encontramos uma tradição crítica que parte do pressuposto de que a obra machadiana é transmissora de uma filosofia melancólica, pessimista, niilista, sem deixar bem clara a acepção de niilismo empregada. Este artigo, que apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de doutoramento sobre o niilismo na obra de Machado de Assis, tem o intuito de preencher esta lacuna e argumentar a favor da relevância do tema em questão.

Introdução

A narrativa de *Esau e Jacó*, tecida como um bordado no tempo, um nada em cima de invisível, apresenta uma infinidade de pontos falsos (ou invisíveis), em que nada evolui e tudo parece esboroar-se mediante a mera enunciação: “o tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais sutil obra deste mundo, e acaso do outro”.³

O movimento ambíguo e contraditório da passagem do tempo (modernização) e a justaposição de estruturas históricas díspares constituem a nervura da obra, que trata do colapso da sociedade estamental dentro do capitalismo brasileiro daquela época, recém-saído da escravidão, que foi legalmente abolida em 13 de maio de 1888, mas ainda hoje persiste: “Consolidada por seu grande papel no mercado internacional, e mais tarde na política interna, a combinação de latifúndio e trabalho compulsório atravessou impávida a Colônia, Reinados e Regências, Abolição, a Primeira República, e hoje mesmo é matéria de controvérsia e tiros”.⁴ Esse primórdio da modernização, contexto histórico da emergência do niilismo no Brasil, tem sua *reductio ad absurdum* no episódio da tabuleta da confeitaria do Custódio, que será abordado mais adiante.

O conceito de niilismo político

O niilismo político floresceu no império russo em meados do século XIX, como movimento de crítica ao *status quo*, desembocando no ativismo de tipo terrorista, confundindo-se com a doutrina anarquista que defende o princípio da destruição de toda forma de Estado. Para o niilismo político russo só haverá progresso após a destruição de todas as instituições existentes. Resultado dessa ideologia foram os atentados a bomba cometidos pelos anarquistas e niilistas russos entre as décadas de 1860 e 1880. O mais famoso foi o que matou o tsar russo Alexandre II em 13 de março de 1881. O assassinato, culminação de uma série de outras tentativas feitas contra o próprio tsar e membros do seu governo, foi cometido por um grupo político conhecido como “Vontade do povo”.

¹ Uma revisão bibliográfica sobre a presença do conceito de niilismo na fortuna crítica machadiana pode ser encontrada em SANTOS, Vitor Ceí. *A voluptuosidade do nada: o niilismo na prosa de Machado de Assis*. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015, p. 24-35.

² Ibidem.

³ ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. In: *Obra completa, em quatro volumes*: volume 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 1104.

⁴ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000, p. 25.

Dada a magnitude do atentado, a reação feroz do tsar sucessor, e o susto de amplos setores da opinião pública, o evento foi logo transformado num marco tanto da esquerda quanto da direita e o rótulo sob o qual o movimento foi posto – “niilismo” – ganhou ares assombrosos. Usado como sinônimo de anarquismo e terrorismo, designava de forma pejorativa os movimentos de rebelião contra o czarismo, o imobilismo da sociedade e os seus valores.

Enquanto o terrorismo, como método de ação política, enfraqueceu-se no cenário político russo, o niilismo ganhou força na literatura, tornando-se uma palavra em voga, usada por inúmeros jornalistas, filósofos e escritores da época: “É irônico que, exatamente após o declínio dos grandes atentados, os ‘niilistas’, terroristas, revolucionários ou conspiradores, como quer que fossem chamados pela imprensa, tenham ascendido ao estrelato e incorporados a peças, romances e folhetins”.⁵

O valor-notícia do atentado ao tsar, somado ao *boom* internacional da literatura russa, tornou a tradição da dinamite “niilista” facilmente acessível em qualquer jornal da época, na Europa e no Brasil. Na corte brasileira, a repercussão foi grande. Tudo o que acontecia relacionado ao niilismo – julgamentos, execuções – era acompanhado com interesse. Assim, o niilismo foi uma forma muito eficaz de difusão da literatura russa no Brasil. Interessamos, aqui, compreender em que medida Machado atendia a uma tendência dominante no gosto da época e em que medida se contrapunha a ela.

Aclimatado no Brasil e ficcionalizado por Machado de Assis, o niilismo político recebeu outras características. Enquanto os niilistas russos rejeitavam radicalmente as leis e as instituições formais, pregando a destruição das organizações políticas e sociais para abrir caminho a uma nova sociedade, os personagens principais de *Esau e Jacó* são marcados pela imobilidade, ou, para usar um conceito nietzschiano, pela “paralisia da vontade”.⁶ O niilismo, caracterizado por Nietzsche como “radical rejeição de valor, sentido, desejo”,⁷ corrói os princípios, as instituições, os referenciais e as tradições. Ele não designa simplesmente a diluição de fundamentos, mas a ausência de todo fundamento, na medida em que constata a impossibilidade de fundamentação. Assim, alguns indivíduos são acometidos pela frustrante paralisia da vontade.

Identificado por Nietzsche como o esgotamento da capacidade humana de criação de sentido e de valor, o niilismo ganhou repercussão a partir da situação de crise dos valores da segunda metade do século XIX, no contexto do problema axiológico gerado pela imagem científica de um mundo mecanicista e “essencialmente *desprovido de sentido*”.⁸ Ao longo de suas reflexões fragmentárias, em estilo aforismático e perspectivista, Nietzsche analisa o problema do niilismo em suas nuances, apresentando segmentações do conceito, com destaque para as seguintes acepções: incompleto (*unvollständige*), ativo (*aktiver*), passivo (*passiver*) e completo (*vollkommener*). Quando o lugar e a função outrora ocupados por Deus e pelos ideais suprassensíveis passam a ser ocupados por novos ideais (racionalidade, ordem e progresso, liberdade, igualdade e fraternidade), isto é, quando o homem moderno quebra os ídolos religiosos em nome da autonomia da razão, mas continua desvalorizando a vida em nome de valores pretensamente eternos e absolutos, porém, vazios (bem, mal, progresso, verdade) tem-se o niilismo incompleto. Nada é o nome dessas figuras diáfanas do ideal. Alimentado pelos autores que criticam o projeto moderno com o intuito de rejuvenescê-lo, aprimorá-lo ou reformá-lo, o niilismo incompleto se manifesta nas áreas das ciências naturais e da história como mecanicismo, darwinismo ou positivismo, nas esferas da política e da economia como nacionalismo ou anarquismo, e no campo das artes como esteticismo ou naturalismo.

⁵ GOMIDE, Bruno Barreto. *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. São Paulo: EDUSP, 2011, p. 55.

⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 113.

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. “Nachgelassene Fragmente 1885-1887”. In: *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlin, New York: de Gruyter, 1999, p. 125. Tradução minha.

⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 277.

Dentro do contexto descrito acima, o niilismo torna-se uma “condição normal”, com duplo sentido: niilismo ativo e passivo. O primeiro aparece como a violenta radicalização da vontade de destruir, de ir além do mundo esvaziado de valores, tal como é observável nos niilistas e anarquistas russos do século XIX, que exprimem o sinal de uma força insuficiente para, produtivamente, instituir novamente uma finalidade, um porquê, uma crença. O niilismo passivo, cujo maior exemplo é o budismo, põe em cena um estado patológico intermediário: as suas forças produtivas ainda não são suficientemente fortes e a decadência ainda hesita. Ele surge em sociedades que se encontram desestruturadas, caracterizando a perda do sentido dos valores estabelecidos. Motivo de ressentimento, regressão e declínio, é incapaz de criar novos valores:

Niilismo como decadência e diminuição do poder do espírito: o niilismo passivo como um sinal de fraqueza: a força do espírito pode estar cansada, esgotada, de modo que as metas e valores até agora são inadequados e indignos de fé – de modo que a síntese de valores e metas (alicerce sob o qual se baseia toda cultura forte) se dissolve, de modo que os valores individuais fazem guerra entre si: decomposição que tudo refresca, cura, tranquiliza, aturde, em primeiro plano, sob diferentes disfarces, religioso ou moral, político ou estético, etc.⁹

Nietzsche quer superar o niilismo passivo a partir de uma transvaloração de todos os valores, instituindo o niilismo completo, aquele que promove e acelera o processo do crepúsculo dos ídolos. O que significa não apenas destruir os antigos valores, mas também o próprio espaço que ocupavam – o do mundo ideal, pretensamente verdadeiro. Assim, alcança-se a possibilidade de se completar o niilismo e ganhar a condição necessária à instauração de novas maneiras de avaliar.

O filósofo do martelo se considerava o primeiro a ser capaz de levar às últimas consequências a transvaloração de todos os valores, abolindo a distinção entre mundo sensível e suprassensível, preparando terreno para a criação de novos valores afirmadores da vida. Contudo, ele ainda não seria capaz de criar valores afirmativos, o que seria uma tarefa destinada aos filósofos do futuro. Ainda de acordo com Nietzsche, o niilismo é “parte destrutivo, parte irônico”.¹⁰ E Machado de Assis retrata o niilista de forma irônica. Com a pena da galhofa, essa doença da vontade configura-se no enredo central de *Esau e Jacó*, que é baseado na imobilidade. A narrativa mostra que a política não é nada, não vale nada e não leva a nada. Revela, assim, a impotência da sociedade em formular os valores que dariam sentido às ações dos indivíduos e conteúdos positivos à liberdade da vida na *polis*.

O niilismo político de Pedro e Paulo

A narrativa de *Esau e Jacó* cobre ficcionalmente o período de 1871 a 1894 – do nascimento dos gêmeos até suas carreiras de deputados da República dos Estados Unidos do Brasil, no período da República Velha conhecido como República da Espada. Os acontecimentos, símbolos, nomes e episódios que se relacionam com a história política do país – do fim do reinado de Pedro II ao início da República Velha – são numerosos a ponto de se tornarem inescapáveis, como mostrou John Gledson. O crítico inglês, apesar de não trabalhar com o conceito de niilismo, avalia que o “senso de vazio” que impregna *Esau e Jacó* é, em grande medida, um fenômeno histórico, produto do período no qual se situa o romance:

E isto não apenas no sentido de que todos os romances ou obras de arte são condicionados por seu meio, mas no sentido muito mais específico de que Machado viu sua própria

⁹ NIETZSCHE, “Nachgelassene Fragmente 1885-1887”, op. cit., p. 351.

¹⁰ Ibidem, p. 353.

sociedade *desnorteada*, sofrendo de uma *falta de objetivos* já presente, em embrião, em períodos anteriores, mas agora atingindo um nível que se aproximava à *total desintegração*. O romance especula sobre as causas históricas para isso, embora sem ser demasiado dogmático ou exclusivista: a preocupação maior, aqui, é retratar a situação, ou fazer com que seja percebida. O leitor não tem permissão para se sentir superior a este estado de coisas, que ele provavelmente, em maior ou menor grau, partilha; daí a *atmosfera de dúvida e insegurança*, misturada com ambiciosa especulação – na qual, se não me engano, a intenção é nos fazer mergulhar.¹¹

A narrativa deixa o leitor muito incerto do terreno em que pisa, parecendo obrigá-lo a sentir o incômodo do desenraizamento e da insipidez. Ficcionalizando um tempo em que a sociedade perdeu seu rumo – e no qual a mudança não conduz a uma renovação criativa – percebe-se a configuração literária de um mundo em crise, debilitado pelos valores alterados ou em vias de alteração.

O niilismo político do poder pelo poder é ficcionalizado na rivalidade entre o monarquista Pedro e o republicano Paulo, que em seus discursos e ações tratam Império e República como paradigmas desvalorizados, revelando a corrosão niilista da *polis* e dos seus princípios. Todos os valores-base se depreciam, perdem força, de tal modo que o tempo aparece como “um rato roedor das coisas, que as diminui ou altera no sentido de lhes dar outro aspecto”.¹²

Na infância, os irmãos tinham brigas frequentes, com agressões verbais e físicas, e tudo fazia recluir que eles acabassem estripando-se um ao outro. Na adolescência, começaram a discutir política, misturando-a com assuntos pessoais, insinuando indistinção entre as esferas pública e privada. Por exemplo, quando indagados sobre a data de aniversário, não respondiam ter nascido em 7 de abril de 1870. Paulo dizia que nasceu no ano em que Pedro I caiu do trono. Pedro, por sua vez, afirmava ter nascido no dia em que Pedro II subiu ao trono. Mas lhes faltava o fim e a resposta ao porquê:

As barbas não queriam vir, por mais que eles chamassem o buço com os dedos, mas as opiniões políticas e outras vinham e cresciam. Não eram propriamente opiniões, não tinham raízes grandes nem pequenas. Eram (mal comparando) gravatas de cor particular, que eles atavam ao pescoço, à espera que a cor cansasse e viesse outra. Naturalmente cada um tinha a sua. Também se pode crer que a de cada um era, mais ou menos, adequada à pessoa.¹³

As diferenças político-ideológicas entre Pedro e Paulo são apenas gravatas de cor particular, belas e sedutoras vestes de pompa e mentira para a doença da paralisia da vontade. Monarquia e República são apenas etiquetas ornamentadas de modo a encobrir o senso de vazio. Nesse sentido, a dissimulação, a máscara e o artifício também fazem parte do aparato da modernidade:

os gêmeos necessitam de uma marca diferencial porque sua crescente semelhança ameaçava o princípio mesmo de identidade da sociedade em que viviam. Uma sociedade centrada no indivíduo não poderia tolerar pessoas tão gêmeas que se parecessem desde as maneiras, passando pelo trato social, até às ideias. O critério básico de uma sociedade fundada na individuação de seus membros não poderia tolerar que Pedro diferisse de Paulo apenas pelo nome.¹⁴

Costa Lima avalia que uma sociedade que realça o indivíduo e não sua identificação grupal, cria sobre cada um a pressão constante de forçar sua individualização. É neste sentido que Pedro e Paulo, iguais na

¹¹ GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Trad. Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.196. Grifos meus.

¹² ASSIS, op. cit., p.1103.

¹³ Ibidem, p.1105.

¹⁴ LIMA, Luiz Costa. “Sob a face de um bruxo”. *Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, ano 5, n. 5, 2009, p.53.

aparência, teriam utilizado a divergência política – meio socialmente justificado – como maneira de diferenciação. Exemplar é um irônico episódio em que as opiniões dos irmãos adolescentes são materializadas em retratos de personalidades políticas francesas:

Tanto cresceram as opiniões de Pedro e Paulo que, um dia, chegaram a incorporar-se em alguma coisa. Iam descendo pela Rua da Carioca. Havia ali uma loja de vidraceiro, com espelhos de vários tamanhos, e, mais que espelhos, também tinha retratos velhos e gravuras baratas, com e sem caixilho. Pararam alguns instantes, olhando à toa. Logo depois, Pedro viu pendurado um retrato de Luís XVI, entrou e comprou-o por oitocentos réis; era uma simples gravura atada ao mostrador por um barbante. Paulo quis ter igual fortuna, adequada às suas opiniões, e descobriu um Robespierre.¹⁵

Luís XVI era considerado pelos conservadores um mártir do passado glorioso que os ideais iluministas da Revolução Francesa – que teve Maximilien de Robespierre dentre seus líderes – destruíram. Pedro e Paulo pregaram seus respectivos quadros à cabeceira das próprias camas. Mas como dividiam o quarto, e dormiam lado a lado, pouco durou esta situação, porque ambos fizeram pirraças às gravuras – eram orelhas de burro, nomes feios, desenhos de animais – até que um dia Paulo rasgou a de Pedro, e este a do outro. Vingaram-se a murro, até que foram contidos pela mãe.

Adultos, os gêmeos mantiveram a rivalidade (identidade conflitiva), que consideravam prova suficiente de diferenciação. Mas a perspectiva de Flora revela que eles eram distintos, por assim dizer, somente do ponto de vista da sociedade. De acordo com a imagem interna da moça, os dois eram idênticos:

Flora simulava às vezes confundi-los, para rir com ambos. E dizia a Pedro:

– Dr. Paulo!

E dizia a Paulo:

– Dr. Pedro!

Em vão eles mudavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Flora mudava os nomes também, e os três acabavam rindo.¹⁶

Costa Lima avalia que a troca é bem clara, pois todas as cenas em que os irmãos conversam com Flora são absolutamente simétricas, de tal modo que não importa se ela se refere a um ou a outro.¹⁷ Eu acrescento e destaco que Flora revela a falta de sentido das opiniões políticas dos gêmeos, que não conseguem encontrar um significado consistente e positivo para a experiência da vida política. Anuncia-se aqui, a meu ver, o perigo de um nivelamento de todas as posições políticas, no sentido de que elas perderiam a sua hierarquia de valores. Ora, se não há mais hierarquia, a própria noção de valor perde a sua significação, manifestando o niilismo, a completa falta de sentido.

Pedro e Paulo abraçam causas com falso entusiasmo e brigam por algo em que não creem, revelando sua subserviência à opinião alheia. Assim, eles fingem buscar liberdade, satisfeitos com a própria paralisia da vontade, espécie de servidão voluntária que revela estreiteza espiritual. É possível concluir que a rivalidade lhes garante consolo e contentamento num mundo sem valor e sentido.

O niilismo político de Batista

O esgotamento dos valores não é exclusividade dos gêmeos. Outro exemplo é Batista, o pai de Flora, político conservador de carreira. Quando os liberais foram chamados ao poder, que os conservadores tiveram de deixar, ele lamuriava, mas ouviu da esposa: “Batista, você nunca foi

¹⁵ ASSIS, op. cit. p.1106.

¹⁶ Ibidem, p.1119.

¹⁷ LIMA, op. cit., p.53-54.

conservador! [...] Um liberalão, nunca foi outra coisa”.¹⁸ O fraco Batista, temeroso da reação dos velhos aliados, inicialmente resistiu ao discurso da mulher:

Não cedeu de fraqueza. Não tinha a força precisa de trair os amigos, por mais que estes parecessem havê-lo abandonado. Há dessas virtudes feitas de acanho e timidez, e nem por isso menos lucrativas, moralmente falando. Não valem só estoicos e mártires. Virtudes meninas também são virtudes. É certo, porém, que a linguagem dele, em relação aos liberais, não era já de ódio ou impaciência; chegava à tolerância, roçava pela justiça. Concordava que a alternância dos partidos era um princípio de necessidade pública. O que fazia era animar os amigos. Tornariam cedo ao poder. Mas D. Cláudia opinava o contrário; para ela, os liberais iriam ao fim do século. Quando muito, admitiu que na primeira entrada não dessem lugar a um converso da última hora; era preciso esperar um ano ou dois, uma vaga na câmara, uma comissão, a vice-presidência do Rio...¹⁹

Não se pode esquecer que os dois grandes partidos do império, o Conservador e o Liberal, apesar de se apresentarem como agremiações políticas opostas, eram considerados grupos gêmeos, separados por rivalidades pessoais – assim como os irmãos Pedro e Paulo. Significativa é a máxima atribuída ao político pernambucano Holanda Cavalcanti: “Nada se assemelha mais a um ‘saquarema’ do que um ‘luzia’ ao poder”.²⁰

Batista, da perspectiva de quem considera os valores liberais e conservadores infundados, fez profissão de fé política, mostrando uma dualidade moral e mental. Sem qualquer parâmetro ético a presidir sua escala de valores e orientar suas ações, ele oferece uma risível distinção entre temperamentos e ideias, confessando ter o temperamento conservador:

Verdadeiramente há opiniões e temperamentos. Um homem pode muito bem ter o temperamento oposto às suas idéias. As minhas idéias, se as cotejarmos com os programas políticos do mundo, são antes liberais e algumas libérrimas. O sufrágio universal, por exemplo, é para mim a pedra angular de um bom regime representativo. Ao contrário, os liberais pediram e fizeram o voto censitário. Hoje estou mais adiantado que eles; aceito o que está, por ora, mas antes do fim do século é preciso rever alguns artigos da Constituição, dois ou três.²¹

O trecho supracitado é parte de uma conversa com Aires, que se deu a propósito do convite recebido por Batista para ser presidente de uma província no norte. Adoentado de paralisia da vontade, arrebatado pelo sentimento de que tudo é vão, o pai de Flora experimenta o fastio da vida e se deixa levar pelos caprichos da esposa:

Ao despedir-se, fez Aires uma reflexão, que ponho aqui, para o caso de que algum leitor a tenha feito também. A reflexão foi obra de espanto, e o espanto nasceu de ver como um homem tão difícil em ceder às instigações da esposa (Vai-te, Satanás, etc.; capítulo XLVII), deitou tão facilmente o hábito às urtigas. Não achou explicação, nem a acharia, se não soubesse o que lhe disseram mais tarde, que os primeiros passos da conversão do homem foram dados pela mulher. “A mulher é a desolação do homem”, dizia não sei que filósofo socialista, creio que Proudhon. Foi ela, a viúva da presidência, que por meios vários e secretos, tramou passar a segundas núpcias. Quando ele soube do namoro, já os banhos estavam corridos; não havia mais que consentir e casar também. [...] D. Cláudia não suspirou, cantou vitória; a reticência do marido era a primeira figura de aquiescência. Não lhe disse isto assim, nu e cru; também não

¹⁸ ASSIS, op. cit. p.1133.

¹⁹ Ibidem, p.1134-1135.

²⁰ CAVALCANTI, *apud* FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 180. Saquarema é o nome do município fluminense onde as principais lideranças conservadoras possuíam terras e se notabilizaram pelos desmandos eleitorais. Luzia era o apelido dos liberais em alusão à Vila de Santa Luzia, em Minas Gerais, local da maior derrota deles durante a Revolução Liberal de 1842, quando contestavam a elevação do Partido Conservador ao poder.

²¹ ASSIS, op. cit. p. 1146-1147.

revelou alegria descomposta; falou sempre a linguagem da razão fria e da vontade certa. Batista, sentindo-se apoiado, caminhou para o *abismo* e deu o *salto nas trevas*. Não o fez sem graça, nem com ela. Posto que a *vontade que trazia fosse de empréstimo*, não lhe faltava desejo a que a vontade da esposa deu vida e alma. Daí a autoria de que se investiu e acabou confessando.²²

Batista, com a consciência dilacerada, experimenta uma mistura anárquica de instintos e de valorações conflituosas. Sobrevém-lhe, então, um cansaço e um peso, que o enfraquecem. Cláudia, que servia de guia e amparo ao marido, garantia-lhe consolo e contentamentos num mundo em si mesmo sem valor e sentido.

Em 23 de novembro de 1891, após marcha rápida de acontecimentos, o Marechal Deodoro passou o governo às mãos do Marechal Floriano e todos os decretos do dia 3 foram anulados – inclusive o que concedia a Batista o cargo de presidente de província. Perdidas as esperanças de grande futuro, Batista desejou morrer. “Um dia mais e tudo ruiu como casa velha”,²³ avalia o narrador.

Com a pena da galhofa, a prosa de *Esauí e Jacó* mostra que Batista, desprovido da vontade de constituir-se na singularidade de si mesmo, incapaz de construir instituições duradouras, segue a lição da teoria do medalhão e adota os ornamentados e vazios discursos de metafísica política, que apaixonam naturalmente os partidos e o público:

Agora é que Batista compreendeu o erro de haver dado ouvidos à esposa. Se tem acabado e publicado o manifesto no dia 4 ou 5, estaria com um documento de resistência na mão para reivindicar um posto de honra qualquer, – ou só estima que fosse. Releu o manifesto; chegou a pensar em imprimi-lo, embora incompleto. Tinha conceitos bons, como este: “O dia da opressão é a véspera da liberdade”. Citava a bela Roland caminhando para a guilhotina: “Ó liberdade, quantos crimes em teu nome!” D. Cláudia fez-lhe ver que era tarde, e ele concordou.²⁴

Um discurso com frases de efeito, que chama os apartes e as respostas, mas não obriga a pensar e descobrir, e não transcende nunca os limites de uma “invejável vulgaridade”,²⁵ é a perspectiva estratégica do medalhão, que triunfa sobre o modo sincero de valorar, porque a mediania é a forma mais segura de se comportar em uma esfera pública onde não há diferença substancial entre liberais e conservadores, republicanos e monarquistas. A invejável vulgaridade, enfim, remete ao episódio da tabuleta da confeitaria, lugar onde as coisas são enfeitadas, se tornando atraentes ao olhar. República e império, pelo que a narrativa indica, são apenas confeitos, tendo pouca ligação substantiva com o projeto político que pretendem representar.

Filosofia das Tabuletas: niilismo político e desvalorização dos valores

Dono da “Confeitaria do Império” há mais de 30 anos, o avaro Custódio manda, depois de muita relutância, reformar a tabuleta que leva o nome de sua loja. Contrariado com o pintor e aborrecido com os custos da nova placa, o velho confeitoiro, cheio de melancolia, visita o seu vizinho Aires em busca de conselho. O conselheiro o recebeu com a benevolência de outros dias e um pouco mais de interesse. Queria saber o que é que o entristecia:

- Vim para contá-lo a Vossa Excelência; é a tabuleta.
- Que tabuleta?
- Queira Vossa Excelência ver por seus olhos – disse o confeitoiro, pedindo-lhe o favor de ir à janela.
- Não vejo nada.
- Justamente, é isso mesmo. Tanto me aconselharam que fizesse reformar a tabuleta que

²² Ibidem, p. 1148. Grifos meus.

²³ Ibidem, p. 1170.

²⁴ Ibidem.

²⁵ ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. In: *Obra completa, em quatro volumes*: volume 2, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2008, p. 275. Grifo meu.

afinal consenti, e fi-la tirar por dois empregados. A vizinhança veio para a rua assistir ao trabalho e parecia rir de mim. Já tinha falado a um pintor da Rua da Assembleia; não ajustei o preço porque ele queria ver primeiro a obra. Ontem, à tarde, lá foi um caixeiro, e sabe Vossa Excelência o que me mandou dizer o pintor? Que a tábuia está velha, e precisa outra; a madeira não aguenta tinta. Lá fui às carreiras. Não pude convencê-lo de pintar na mesma madeira; mostrou-me que estava rachada e comida de bichos. Pois cá de baixo não se via. Teimei que pintasse assim mesmo; respondeu-me que era artista e não faria obra que se estragasse logo. – Pois reforme tudo. Pintura nova em madeira velha não vale nada. Agora verá que dura pelo resto da nossa vida.

– A outra também durava; bastava só avivar as letras.

Era tarde, a ordem fora expedida, a madeira devia estar comprada, serrada e pregada, pintando o fundo para então se desenhar e pintar o título. Custódio não disse que o artista lhe perguntara pela cor das letras, se vermelha, se amarela, se verde em cima de branco ou vice-versa, e que ele, cautelosamente, indagara do preço de cada cor para escolher as mais baratas. Não interessa saber quais foram.

Quaisquer que fossem as cores, eram tintas novas, tábuas novas, uma reforma que ele, mais por economia que por afeição, não quisera fazer; mas a afeição valia muito. Agora que ia trocar de tabuleta sentia perder algo do corpo – coisa que outros do mesmo ou diverso ramo de negócio não compreenderiam, tal gosto acham em renovar as caras e fazer crescer com elas a nomeada. São naturezas. Aires ia pensando em escrever uma *Filosofia das Tabuletas*, na qual poria tais e outras observações, mas nunca deu começo à obra.²⁶

Custódio tem de substituir a tabuleta porque a velha está deteriorada. O mesmo se dá com o regime monárquico. A tabuleta rachada e carcomida pode ser lida como uma alusão ao Império de Pedro II, que ruiu sem manifestação popular, “pois cá de baixo não se via”. No fim das contas, mudança apenas superficial, de fachada, sem afetar a situação subjacente:

Será que isso não se aplica ao Império, que exteriormente ainda era o mesmo (de modo que tantos, inclusive Custódio, surpreenderam-se profundamente quando ele desaba), mas por dentro estava deteriorado, incapaz de renovação? Menos que uma condenação *moral* do regime, parece seu julgamento *histórico*: os regimes, como as pessoas e os organismos, chegam ao fim de suas vidas úteis.²⁷

Custódio, desnordeado com os rumores da queda do regime que dá nome ao seu estabelecimento comercial, retorna à residência de Aires, pedindo outro conselho. A nova placa da tradicional “Confeitaria do Império” estava pronta. Porém, no mesmo dia começaram os movimentos que culminaram na proclamação da República. Alguns rapazes que passavam na rua do pintor ameaçaram destruir a placa. O confeitiro pensou no que perdia mudando o nome de seu famoso estabelecimento, que existia desde 1860, e correu a ouvir o conselheiro:

Referido o que lá fica atrás, Custódio confessou tudo o que perdia no título e na despesa, o mal que lhe trazia a conservação do nome da casa, a impossibilidade de achar outro, um abismo, em suma. Não sabia que buscase; faltava-lhe invenção e paz de espírito. Se pudesse, liquidava a confeitaria. E afinal que tinha ele com política? Era um simples fabricante e vendedor de doces, estimado, afreguesado, respeitado, e principalmente respeitador da ordem pública...

– Mas o que é que há? – perguntou Aires.

– A república está proclamada.

– Já há governo?

– Penso que já; mas diga-me Vossa Excelência: ouviu alguém acusar-me jamais de atacar o governo? Ninguém. Entretanto... Uma fatalidade! Venha em meu socorro, Excelentíssimo. Ajude-me a sair deste embaraço. A tabuleta está pronta, o nome todo pintado. – “*Confeitaria do Império*”, a tinta é viva e bonita. O pintor teima em que lhe pague o trabalho, para

²⁶ ASSIS, *Esau e Jacó*, op. cit., p. 1138-1139. Grifo meu.

²⁷ GLEDSON, op. cit., p. 200.

então fazer outro. Eu, se a obra não estivesse acabada, mudava de título, por mais que me custasse, mas hei de perder o dinheiro que gastei? V. Excelência crê que, se ficar “*Império*”, venham quebrar-me as vidraças?

– Isso não sei.

– Realmente, não há motivo; é o nome da casa, nome de trinta anos, ninguém a conhece de outro modo.

– Mas pode pôr “*Confeitaria da República*”...

– Lembrou-me isso, em caminho, mas também me lembrou que, se daqui a um ou dois meses, houver nova reviravolta, fico no ponto em que estou hoje, e perco outra vez o dinheiro.

– Tem razão... Sente-se.

– Estou bem.

– Sente-se e fume um charuto.

Custódio recusou o charuto, não fumava. Aceitou a cadeira. Estava no gabinete de trabalho, em que algumas curiosidades lhe chamariam a atenção, se não fosse o atordoamento do espírito. Continuou a implorar o socorro do vizinho. Sua Excelência, com a grande inteligência que Deus lhe dera, podia salvá-lo. Aires propôs-lhe um meio-termo, um título que iria com ambas as hipóteses, – “*Confeitaria do Governo*”.

– Tanto serve para um regime como para outro.

– Não digo que não, e, a não ser a despesa perdida... Há, porém, uma razão contra. Vossa Excelência sabe que nenhum governo deixa de ter oposição. As oposições, quando descerem à rua, podem implicar comigo, imaginar que as desafio, e quebrarem-me a tabuleta; entretanto, o que eu procuro é o respeito de todos.

Aires compreendeu bem que o terror ia com a avareza. Certo, o vizinho não queria barulhos à porta, nem malquerenças gratuitas, nem ódios de quem quer que fosse; mas, não o afligia menos a despesa que teria de fazer de quando em quando, se não achasse um título definitivo, popular e imparcial. Perdendo o que tinha, já perdia a celebridade, além de perder a pintura e pagar mais dinheiro.²⁸

A narrativa arranca o riso do leitor ao comparar a proclamação da República com mera troca de tabuletas de uma confeitaria, questão de enfeite mais do que de substância. Insinua, assim, que República e Monarquia são apenas rótulos de fachada. Afinal, pintura nova em madeira velha não vale nada. Hélio de Seixas Guimarães avalia que as tintas talvez sejam metonímias dos atos responsáveis pelas grandes transições da vida pública mencionadas pelo livro, em que todas as grandes mudanças e transformações são sarcasticamente reduzidas a canetadas e demãos de tintas: as constantes renovações e quedas dos gabinetes; a Abolição da Escravatura; a alternância no poder entre as facções conservadoras e liberais; a transição do Império para a República, ouvida por Aires ao cocheiro do Largo da Carioca e reduzida ao prosaísmo desnortado do confeitoiro Custódio, às voltas com a pintura da sua tabuleta.²⁹

Isto posto, a reação inicial de Aires em relação à proclamação da República foi de ceticismo: reduziu tudo a um movimento que ia acabar com a simples mudança de gabinete. Ele permaneceu incrédulo em relação à queda da monarquia até encontrar um aflito Santos, que viu as tropas descenderem pela Rua do Ouvidor e ouviu as aclamações ao novo regime:

– É verdade, conselheiro, vi descer as tropas pela Rua do Ouvidor, ouvi as aclamações à república. As lojas estão fechadas, os bancos também, e o pior é se não abrem mais, se vamos cair na desordem pública; é uma calamidade.

Aires quis aquietar-lhe o coração. Nada se mudaria; o regime, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele. Comércio é preciso. Os bancos são indispensáveis. No sábado, ou quando muito na segunda-feira, tudo voltaria ao que era na véspera, menos a constituição.³⁰

²⁸ ASSIS, *Esau e Jacó*, op. cit., p. 1158.

²⁹ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial, EDUSP, 2004, p. 265.

³⁰ ASSIS, *Esau e Jacó*, op. cit., p. 1160.

Aires não deixa de ter razão. Do ponto de vista da representação política, a Primeira República (1889-1930) foi como pintura nova em madeira velha, não provocando grande mudança. De acordo com o historiador José Murilo de Carvalho, a República não era para valer e a sua simbologia caiu no vazio. Ela introduziu a federação de acordo com o modelo dos Estados Unidos. Os presidentes dos estados (antigas províncias) passaram a ser eleitos pela população. A descentralização tinha o efeito positivo de aproximar o governo da população via eleição de presidentes de estado e prefeitos. Mas, como a aproximação se deu, sobretudo, com as elites locais, que garantiam seu domínio regional e sua participação no poder nacional, pouca coisa mudou com o novo regime.³¹

A descentralização facilitou a formação de sólidas oligarquias estaduais, apoiadas em partidos únicos, também estaduais. Nos casos de maior êxito, essas oligarquias conseguiram envolver todos os mandões locais, bloqueando qualquer tentativa de oposição política. A aliança das oligarquias dos grandes estados, principalmente de Minas Gerais e São Paulo, permitiu que mantivessem o controle da política nacional até 1930. Por isso, a República Velha ficou conhecida como “República dos Coronéis” – o coronelismo era a aliança dos chefes locais com os presidentes dos estados e desses com o presidente da república.

A população assistiu a tudo atônita, sem saber o que significava a mudança de regime. “Ninguém sabia se a vitória do movimento era um bem, se um mal, apenas sabiam que era um fato”.³² Tal comportamento é provocado pelos já mencionados sentidos de vazio e desnorteamento que impregnam *Esau e Jacó*, em maior proporção do que em qualquer outro romance machadiano, pois atinge um nível que se aproxima à total desintegração. Uma exceção foram os pais de Flora, que não podiam “crer que as instituições tivessem caído, outras nascido, tudo mudado [...] tudo extinto, extinto, extinto...”³³

A reação inicial de um desnortado Pedro em relação à queda da monarquia também foi de dúvida e hesitação. No primeiro jantar da família Santos após o golpe civil-militar que proclamou a República, enquanto Paulo, com seus sentimentos republicanos fortes e quentes, referia os sucessos amorosamente, mal via o abatimento do irmão e o acanhamento dos pais. Ao fim do jantar em família, bebeu à República, mas calado, sem ostentação, enquanto o irmão observava em silêncio:

Certamente, o moço Pedro quis dizer alguma frase de piedade relativamente ao regime imperial e às pessoas de Bragança, mas a mãe quase que não tirava os olhos dele, como impondo ou pedindo silêncio. Demais, ele não cria nada mudado; a despeito de decretos e proclamações, Pedro imaginava que tudo podia ficar como dantes, alterado apenas o pessoal do governo. Custa pouco, dizia ele baixinho à mãe, ao deixarem a mesa; é só o imperador falar ao Deodoro.³⁴

Pedro, mergulhado na crise niilista em que os valores tradicionais se depreciam e os princípios e critérios absolutos se dissolvem, vê a transformação de ideias e fatos em puro nada, imaginando que tudo podia ficar como antes. Afinal, no niilismo político de sua época importava individuar o fundamento do poder, isto é, saber quem é que manda. E, na nova república dos coronéis, mandavam as mesmas oligarquias que governavam paralelamente ao imperador.

Diante da irrupção do *nihil*, da corrosão niilista da *polis*, da dissolução e perda das referências tradicionais, ocorreu uma troca de opiniões: “Paulo entrou a fazer oposição ao governo, ao passo que Pedro moderava o tom e o sentido, e acabava aceitando o regime republicano, objeto de tantas desavenças”.³⁵ Para Natividade, parecia cálculo de ambos para não se juntarem nunca. Para o narrador, era naturalíssimo.

³¹ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 32-33.

³² ASSIS, *Esau e Jacó*, op. cit., p. 1163.

³³ Ibidem, p. 1166.

³⁴ Ibidem, p. 1162-1163.

³⁵ Ibidem, p. 1217.

A aceitação do novo regime por parte de Pedro não foi rápida nem total; era, porém, o bastante para concluir que não havia um abismo entre ele e o novo governo. A oposição de Paulo não era ao princípio republicano, mas à sua execução: “Não é esta a república dos meus sonhos”,³⁶ dizia ele, que não se lamuriava sozinho. Dentre os propagandistas e principais participantes do movimento republicano, que rapidamente perceberam que não se tratava da república de seus sonhos, o desencanto foi geral.³⁷ Ao término do romance, “as ideias se iam tornando esgarçadas, nevoentas”,³⁸ até que se perderam e eles trocaram de opiniões, mostrando que seus pontos de vista extremos são sem fundamento. Por fim, os gêmeos tomaram assento na Câmara dos Deputados, por dois partidos opostos: “Ambos apoiavam a República, mas Paulo queria mais do que ela era, e Pedro achava que era bastante e sobeja”.³⁹

O conselheiro Aires, superando a comodidade que achava em concordar com as opiniões alheias, queria dizer o que pensava sobre a troca de opiniões. Porventura com a pretensão de atingir uma interpretação unitária ou definitiva do fenômeno, gastou algum tempo na escolha das palavras, a fim de não lhe saírem pedantes nem insignificantes. Ao fim de três minutos, segredou a Natividade:

— A razão parece-me ser que o espírito de inquietação reside em Paulo, e o de conservação em Pedro. Um já se contenta do que está, outro acha que é pouco e pouquíssimo, e quisera ir ao ponto a que não foram homens. Em suma, não lhes importam formas de governo, contanto que a sociedade fique firme ou se atire para diante.⁴⁰

Espíritos de inquietação e conservação remetem aos conceitos nietzschianos de niilismo ativo e passivo. O primeiro pode ser um sinal de força: “a força do espírito pode ser tão ampliada, que para ela as metas até então vigentes (‘convicções’, artigos de fé) se tornaram inadequadas”.⁴¹ Por isso, aparece como *fazer-não*, isto é, violenta inquietude e vontade de destruir, em busca de ir além do mundo esvaziado de valores. No entanto, sua força é insuficiente para, produtivamente, instituir novamente uma meta e um porquê. O niilismo passivo, por sua vez, é entendido por Nietzsche como o niilismo fatigado, que já não ataca, expressando, assim, o esgotamento do poder do espírito. Caracteriza a resignação e quietude conformista do animal de rebanho, que prefere conservar o *status quo*.

Minha intenção, aqui, sem alarde de terminologia, não é aplicar os conceitos nietzschianos aos personagens machadianos, mas somente lançar nova luz sobre a tão comentada “aversão recíproca, apenas disfarçada, apenas interrompida por algum motivo mais forte, mas persistente no sangue, como necessidade virtual”.⁴² E, quiçá, como pequeno saldo, ler Nietzsche à luz de Machado, aclimatando a filosofia alemã às condições nativas.

Recebido em: 21/09/2015

Aprovado em: 15/12/2015

³⁶ Ibidem.

³⁷ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 33.

³⁸ ASSIS, *Esau e Jacó*, op. cit., p. 1165.

³⁹ Ibidem, p. 1219.

⁴⁰ Ibidem, p. 1218.

⁴¹ NIETZSCHE. “Nachgelassene Fragmente 1885-1887”, op. cit., p. 350. Tradução minha.

⁴² ASSIS, *Esau e Jacó*, op. cit., p. 1224.